

# «QUEM É ESTE?»

Anotações do Dia de Início de Ano dos Colegiais  
com Julián Carrón e Francesco Barberis

*Milão, 6 de outubro de 2019*

## **Francesco Barberis**

Cumprimento a todos os presentes, jovens, professores, e aqueles que estão conectados em toda a Itália. «Se não te tornares como crianças, / não entrarás jamais».1 Começando este Dia de Início de Ano dos Colegiais, peçamos essa pobreza, esse coração de criança que grita um significado para o presente, não para amanhã, mas para este instante presente. Porque se agora, se neste momento está começando algo de novo, para mim e para você, então também no início do dia de amanhã eu poderei, você poderá desejar essa novidade.

A criança grita, a criança pede, dentro do abraço do pai e da mãe; dentro desse abraço seguro, não tem medo, não teme pedir, de modo que a vida recomeça a estremecer, a palpitar nela. É por isso que estou e estamos tão agradecidos por hoje estar Julián presente. Obrigado por estar aqui conosco para conduzir e sustentar o nosso caminho pessoal.

## **Julián Carrón**

Que trepidação me assalta ao olhar para vocês, pensando em cada um de vocês neste momento tão crucial das suas vidas, em que estão crescendo como pessoas! Justamente agora vocês estão descobrindo que estão crescendo, virando adultos, e vendo ampliar-se as dimensões do coração. Qual é o sinal de que estão virando adultos? Começarem a captar algo de misterioso dentro de vocês, há coisas que antes lhes bastavam e agora já não bastam; as coisas “de criança” já não servem para enfrentar esta nova estação da vida. Está-se alargando o coração de vocês, e por isso começam a perceber aquilo que um grande poeta como Leopardi chamava de «Mistério eterno do nosso ser».2

## **1. A ANGÚSTIA MAIS FREQUENTE**

Muitos fazem uma experiência da vida como a descrita pelo filósofo e psicanalista Umberto Galimberti, que à pergunta: «Qual é a angústia mais frequente?», respondeu: «Aquela causada pelo niilismo». Que significa? Que nada consegue atraí-los, motivá-los, “tomá-los”. Ele continua: «Os jovens não estão bem, mas eles nem entendem o porquê». Quantas vezes vocês se percebem assim? «O que é que me está acontecendo, por que não estou bem?», «Por que é que não consigo entender esta percepção nova e diferente que começo a ter de mim?» Ao ser perguntado sobre as problemáticas fundamentais de hoje, Galimberti responde, com efeito, que elas «dizem respeito à falta de significado».3 Em muitas das

---

1 C. Chieffo, “Canção de Maria Clara”. In: *Cantos*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2015, p. 63.

2 G. Leopardi, “Sobre o retrato de uma bela mulher esculpido em seu jazigo”. In: Idem, *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996, p. 276.

3 U. Galimberti, “A 18 anni via da casa: ci vuole un servizio civile di 12 mesi”, entrevista de S. Lorenzetto, *Corriere della Sera*, 15 de setembro de 2019.

contribuições de vocês vem à tona a percepção de estarem como birutas, como pedra levadas pela torrente da vida.

«Voltando às aulas – disse uma de vocês – me sentia como se nada me interessasse. Minha pergunta, então, é justamente esta: como posso, como faço para acordar deste pesadelo?» E outro escreveu: «Sou um enorme pote cheio de ansiedades e paranoias, mas vazio. Um pote vazio, mas até aqui de perguntas. No entanto, por que é que alguém sempre me retoma?»

«Às vezes – diz outro ainda – me sinto sozinho, porque acho que as pessoas ao meu redor são uma moldura e eu vivo numa bolha da qual não saio. Como faço para superar esses medos que vez por outra vêm à tona e ficam concretas até demais?» E ainda: «Como fazer para sermos nós mesmos na escola? Como fazer para não se deixar sugar pela rotina? Como se faz para permanecermos humanos na escola?»

Por fim, uma amiga escreveu: «“Por que será que somos assim?” É a pergunta da vida! Eu não tenho a resposta, mas quero sabê-la. Não sei a quem recorrer, não sei a quem perguntar. Alguém sabe, deve saber! E agora?»

Quem pode achar que responde simplesmente com discursos, com apelos morais ou manuais de instrução a todas essas perguntas, que aparecem nas situações em que vocês estão vivendo? São grandes demais as questões que vieram à tona, para podermos ter a pretensão de responder só com um manual de instruções.

Alguém até pode contentar-se com “meias medidas”, como diz Galimberti na entrevista, mas cedo ou tarde vai ter de verificar em sua experiência diária se isso lhe basta para viver, para acordar feliz de manhã, para olhar-se no espelho, para suportar-se, para viver com alegria, para satisfazer o desejo de vida que o constitui.

A experiência comprova em nós a presença de um desejo inextirpável de plenitude. Houellebecq – um famoso romancista francês dos nossos dias – confessa que várias vezes tentou arrancá-lo de si, pois sua existência lhe parecia absurda. «Para mim é penoso admitir que cada vez mais senti o desejo de ser amado», de encontrar algo que preencha o coração. «Um mínimo de reflexão convenciona-me naturalmente, toda vez, do disparate de tal sonho: a vida é limitada e o perdão impossível. Mas a reflexão não podia fazer nada, o desejo persistia, e tenho que confessar que persiste até hoje».<sup>4</sup>

Cada um de nós, querendo ou não, em qualquer situação em que esteja, tem de acertar as contas com esse mistério que somos e decidir se nos levamos a sério ou não. Levar-se a sério é o primeiro gesto de afeição para consigo mesmo. Eu sou este mistério, eu sou este desejo de plenitude, eu sou este desejo de viver sem medos, eu! E embora muitas vezes digamos: «Não é possível achar uma resposta», temos de reconhecer – como o romancista francês – que o desejo persiste, de qualquer maneira o encontramos em nós. Mas existe de verdade alguma resposta aos nossos medos, às nossas inseguranças, ao nosso vazio?

## 2. “EXPERIÊNCIA” É A PALAVRA ALICERCE DE TUDO

Como é que posso descobrir se existe uma resposta a essas perguntas? Refletindo, elaborando pensamentos? Dom Giussani propõe-nos outro método, simples, ao alcance de todos: a experiência. «O caminho para a verdade é uma experiência». Isto quer dizer que nós só podemos descobrir se há uma resposta a partir de dentro de uma experiência, ou seja, se a vimos acontecer em mim, em você, na experiência da nossa vida. É fácil reconhecê-la, quando acontece: ela investe tanto a vida, muda-a a tal ponto, que dizemos: «Aqui está!» Por isso, Giussani ressalta que «a experiência é a palavra alicerce de tudo».<sup>5</sup> É na experiência que podemos encontrar algo, alguém, que resista à comparação com o que desejamos, que urge dentro de nós, e se revele correspondente.

<sup>4</sup> F. Sinisi, “Michel Houellebecq. ‘A vida é rara’”. *Passos-Litterae communionis*, n. 216, ago. 2019, p. 33.

<sup>5</sup> L. Giussani, *L'autocoscienza del cosmo*. Milão: Bur, 2000, p. 274.

Vejamos o que pode ocorrer a quem aceita percorrer o caminho da experiência.

«Já adianto que não faço parte de CL. Também adianto que, apesar de que dizê-lo me cause certo incômodo, tampouco tenho fé. Ou melhor, antigamente eu tinha, quando era menor e ainda aceitava as coisas como me eram apresentadas e pronto, sem me fazer perguntas ou dúvidas a respeito, como é normal para uma menina de 8/9 anos, no fundo. Mas com o passar do tempo e com meu crescimento, tanto físico como intelectual, as coisas já não me caíam bem assim como me eram ditas: de fato, como é que podiam bastar-me aquelas verdades, se não entendi o significado delas? Perdi minha fé, e por muito tempo continuei pensando que estava bem assim, que a fé não me servia para nada na vida. Isto até o começo deste verão [veem? Algo acontece ao longo do caminho da vida – este verão –, uma experiência nova impõe-se]. Perto do começo de junho, com efeito, comecei a sentir uma sensação estranha, um mal-estar interior que me tirava a paz. Era como uma prensa que me apertava o coração, a cabeça, o cérebro, e não me deixava viver plenamente as coisas que fazia. No fundo, o verão é feito para isso, não? Diversão, diversão e mais diversão. E mesmo assim, por mais que eu continuasse a me cobrir de expectativas e apesar de encher constantemente meus dias com atividades e saídas com meus amigos, a prensa ainda me mantinha envolta, cingida a si. Eu já não conseguia divertir-me, era como se houvesse um vazio dentro de mim. Depois de um tempo, sem saber a quem atribuir a culpa desse meu mal-estar, descarreguei-a imediatamente num garoto por quem estava apaixonada e que, só depois de muito, muito tempo, descobri que me estava enganando. Minhas amigas e meus pais davam-me razão: era ele a causa do meu mal-estar. Tudo o que eu precisava fazer era deixar passar o tempo, e eu acabaria esquecendo esse garoto. Mas também neste caso fui ludibriada: com efeito, quanto mais tentava convencer-me de que a razão era aquele garoto, mais me dava conta de que não era assim. Eu não aguentava mais, precisava de respostas. Por isso é que fui às férias dos Colegiais. Se encontrei a resposta às minhas perguntas? Acho que sim. Principalmente graças a uma pessoa que viu em mim algo que eu jamais tinha visto [alguém me olha de um jeito que eu nunca experimentara antes], e do mais profundo do seu coração disse-me que me entendia, e que eu não estava errada. Que o que me estava acontecendo [atenção!] era uma coisa linda [a coisa mais linda que podia acontecer], porque Deus, daquele jeito, me estava dando um aceno de Sua existência, aquela mesma existência da qual eu, porém sempre duvidei. Finalmente entendi a que é que se devia aquele vazio».

Essa nossa amiga contou uma experiência – da qual pode indicar o onde, o quando, os protagonistas – pela qual o Mistério, Deus, lhe estava fazendo um aceno de Sua existência, uma existência da qual ela sempre duvidara.

Este é o método. Uma garota pode ter abandonado a fé, considerando-a coisa de criança que não lhe serve para viver, mas a certa altura entende algo diante de seus olhos, um fato, depara com uma presença. Talvez ela não saiba, mas sua contribuição é a documentação exata do que escreveu Dom Giussani: «Foi por meio de uma experiência verdadeira e objetiva que os homens se aperceberam da presença de Deus no mundo. São João escreve [...]: “De fato, a Vida manifestou-se e nós a vimos, e somos testemunhas, e a vós anunciamos a Vida eterna, que estava junto do Pai e que se tornou visível para nós”. Por meio de uma verdadeira, objetiva experiência, a presença de Cristo na sua Igreja se manifesta na história do homem consciente. Também o encontro com a comunidade cristã [no seu caso, com CL] [...] é verdadeira, objetiva experiência».<sup>6</sup> Deparo com algo real: um grupo de pessoas que vivem de certa maneira, uma pessoa de carne e osso que me olha de certo jeito, que me marca o coração, pois é justamente isso o que eu estava esperando.

«Após o entusiasmo dos primeiros dias de escola, e depois de ter-me despedido de todos os meus colegas, voltando para casa sentia-me vazia e cheia de tristeza. Perguntei-me o porquê dessa nostalgia que parecia ser impreenchível [começa a usar palavras que jamais usara, por exemplo “nostalgia impreenchível”. Isto é sinal de que ela está crescendo: surpreende em si mesma uma nostalgia impreenchível]: as amizades da escola ou da companhia do sábado à noite não me bastam [essa

---

<sup>6</sup> L. Giussani, *O caminho para a verdade é uma experiência*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2006, p. 183-184.

nostalgia “julga” o que vive], são um nada: procuro um mais, preciso de um lugar como os Colegiais, não porque são os Colegiais, não é uma questão de propaganda, mas porque é aqui que um Outro pode entrar na minha vida. Assim eu não esqueço mais esse encontro tão magnífico».

O que é que essa garota encontrou de tão magnífico, a ponto de não esquecê-lo mais? Qual é a diferença em relação às amizades de antes? Por que fala de um Outro com maiúscula? Porque nos Colegiais encontrou um lugar que finalmente corresponde a suas esperas, às exigências de seu coração; e então faz a comparação: as amizades da escola ou a companhia do sábado não bastam para preencher sua nostalgia. Esse mais que ela procurava, encontrou-o num lugar, CL, uma realidade objetiva onde um Outro se tornou objeto de sua experiência. Foi fácil reconhecê-lo. Não é preciso ir a Harvard para um *master*, nem realizar um esforço intelectual específico ou ter um nível de inteligência acima da média: é simples identificá-lo. De fato, o que é que Deus, o Mistério, fez para fazer-se encontrar?

«Para que o reconhecessem – diz Dom Giussani –, Deus entrou na vida do homem como homem». Não como um fantasma, não como um sentimento, não como algo virtual, mas como homem. Um homem! Deus entra no mundo por meio de um homem. Naquele dia, João e André depararam com um homem, Jesus de Nazaré. Em que é que aquele homem se diferencia dos demais? Ele é capaz de atrair, de preencher, de “paralisar” toda a «a capacidade de imaginação e a afetividade do homem». Aqueles dois que o encontraram «foram [...] magnetizados por Ele».<sup>7</sup> Aqui está o teste da presença de Deus na história, que nos demonstra se encontramos a resposta ao que procuramos: se estamos “paralisados”, magnetizados por Ele, tomados.

O Evangelho é o relato espantoso dessa presença que aqueles que encontravam Jesus fizeram. «Um fariseu convidou Jesus para a refeição. Ele entrou na casa do fariseu e sentou-se à mesa. Havia na cidade uma mulher, que era pecadora. Quando soube que Jesus estava à mesa na casa do fariseu, ela trouxe um frasco de alabastro, cheio de perfume. Postou-se atrás, aos pés de Jesus e, chorando, começou a lavá-los com suas lágrimas. Depois, enxugava-os com seus cabelos, beijava-os e os ungiu com perfume. Ao ver isso, o fariseu que o tinha convidado falou consigo mesmo: “Se esse homem fosse profeta, saberia quem é a mulher que o toca: é uma pecadora!” Então Jesus lhe dirigiu a palavra: “Simão, tenho algo para te dizer”. Ele respondeu: “Fala, Mestre”. “Certo credor”, retomou Jesus, “tinha dois devedores. Um lhe devia quinhentos denários e o outro, cinquenta. Como não tivessem com que pagar, perdoou a ambos. Qual deles o amará mais?” Simão respondeu: “Aquele ao qual perdoou mais”. Jesus lhe disse: “Julgaste corretamente”. Voltando-se para a mulher, disse a Simão: “Estás vendo esta mulher? Quando entrei na tua casa, não me oferecete água para lavar os pés; ela, porém, lavou meus pés com lágrimas e os enxugou com seus cabelos. Não me deste o beijo; ela, porém, desde que cheguei, não parou de beijar os meus pés. Não derramaste óleo na minha cabeça; ela, porém ungiu os meus pés com perfume. Por isso te digo: os muitos pecados que ela cometeu estão perdoados, pois ela mostrou muito amor. Aquele, porém, a quem pouco se perdoa, pouco ama”. Em seguida, disse à mulher: “Teus pecados estão perdoados”. Os convidados começaram a comentar entre si: “Quem é esse que até perdoa pecados?” E Jesus disse à mulher: “Tua fé te salvou. Vai em paz!”»<sup>8</sup> Eis uma mulher totalmente magnetizada por Cristo. Pouco lhe importa o que os outros digam dela, o que estejam pensando em seu coração; ela está totalmente atraída por aquela Presença, está totalmente tomada por Ele.

Com essa mulher, a resposta aconteceu. Tinha em vão procurado a resposta frequentando muitos homens. Ela também era como uma biruta ao vento da vida, vítima do nada, mas a certo ponto aconteceu que deparou com a resposta; já não importava quais erros cometera: acontecera algo que mudara tudo, e ela estava toda colada naquele homem. Se não se dá um encontro como esse, nós ficamos à mercê do nada, nada tem o poder suficiente e a atratividade necessária para nos colar; então a vida fica difícil de suportar, e nós somos levados para lá e para cá.

Nós sabemos que a resposta existe porque a encontramos. Não é uma teoria ou um pensamento, mas

<sup>7</sup> L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, Bur, Milano 2019, p. 36.

<sup>8</sup> Lc 7,36-50.

algo que aconteceu, exatamente como aconteceu àquela mulher.

Como mostra a canção *Come hai fato?*, de Modugno: «Como é que fizeste com que eu me apaixonasse tanto assim, olho-me no espelho e pergunto-me se aquele ali sou eu. / Como é que fizeste da minha vida uma coisa tua, transformando o tempo numa espera para rever-te? [...] Como é que fizeste? Não sei nem quando comecei, só sei que na minha vida isso nunca aconteceu, é a primeira que digo de verdade: “eu te amo”».

A mulher do Evangelho foi tomada desde as entranhas por um encontro que preenche o desejo impreenchível de seu coração. A fé é esse “ser tomado”, é o reconhecimento da presença de Jesus que surgiu naquela mulher. Por isso Jesus lhe diz: «A tua fé te salvou». Ela deixou-se agarrar até às entranhas por uma Presença.

O cristianismo é algo que tem a ver com nossas entranhas, pessoal, com os recônditos mais íntimos do nosso eu. É só quando nos toma até aí que conseguimos reconhecê-lo. Tudo, menos abstração; tudo, menos manual de instrução! O cristianismo, a fé, tem a ver com essa intensidade humana jamais experimentada antes. O cristianismo é um fato ocorrido na história, uma presença que foi capaz de tomar aquela mulher como mais ninguém antes e que é capaz de tomar você agora e atraí-lo até aqui.

Mas então, uma vez que esse fato aconteceu, depois que Deus entrou na história para dar-se a conhecer ao homem, a única questão para nós hoje é responder à pergunta de Jesus: «O Filho do Homem, porém, quando vier, encontrará fé sobre a terra?»<sup>9</sup> Encontrará alguém que O reconheça, alguém que esteja tomado como aquela mulher? O ponto não é se nos encontrará falando d’Ele, fazendo nossos encontros ou determinados gestos, mas se algum de nós ainda vai estar magnetizado por Ele. Há algum de nós que se deixa agarrar por Ele até às entranhas? Esta é a única possibilidade, amigos, para não acabarmos no nada de uma vida vazia e sem sentido.

«No acampamento de verão retomaram bastante o Tríduo, que eu já tinha esquecido. Além disso, tendo acabado de voltar da África, levei a sério pela primeira vez a pergunta: “O que resiste ao impacto da passagem do tempo?” De fato, pensei que, sozinhos, os três eventos que mais mudaram a minha vida não resistem, porque depois do primeiro encontro passei um ano terrível, meu namorado não me basta e não estou mais na África. Na última manhã do acampamento, antes da assembleia, fui ler o livreto do Tríduo e esta frase me marcou: “É isto o que resiste ao impacto da passagem do tempo: uma Presença que é sempre contemporânea a você, pois Seu olhar te ‘persegue’ de maneira nova e imprevista, através de rostos e lugares sempre diferentes, mas com o mesmo tom, com fidelidade, bem ali onde você é mais fraco”. Assim que li, entendi o que havia em comum em todos os três eventos: o que está resistindo é uma preferência absoluta por mim que se repete de maneira sempre diferente na minha vida. Acho difícil chamá-la de “Presença”, mas tenho certeza de que nos três eventos havia algo mais [esta é a coisa para notar: havia algo mais que o tornava diferente] que está resistindo ao impacto da passagem do tempo. Então saí do acampamento com o desejo de encontrar em toda parte essa preferência, esse Algo mais, mesmo nas coisas que me fazem sofrer. Isso fez com que se criasse um diálogo com essa Presença, Deus, que agora considero como um amigo. Depois acontece bastante que eu O traia, mas sempre estou segura de poder voltar.»

### 3. QUEM É ESTE?

Se isso não acontece agora, se não nos maravilhamos agora, quer dizer que o cristianismo – mesmo se continuarmos usando as palavras cristãs – se tornou um passado para nós, algo que aconteceu, sim, na história, mas «agora essas coisas», como me diziam meus alunos em Madri, «não acontecem mais». Por isso, mesmo sendo muito jovem, é possível já ser velho na fé. Mas «vivo é algo presente!», disse Dom Giussani. E não como algo que nós produzimos com um esforço nosso. Trata-se de uma presença real,

---

<sup>9</sup> Lc 18,8.

objetiva, tão fora de mim que não pode ser obra de minhas mãos, como algo que a pessoa só pode reconhecer, quando o encontra: «É ele, é ela!»

Como posso entender que é ela, que é ele, que é o que estou procurando? Qual é o sinal mais simples? O sinal é que aquela presença corresponde ao meu coração como nada mais, me enche de encanto e desencadeia em mim uma pergunta: «Quem é este?»<sup>10</sup>

«Mas quem é este?» Quantas vezes vocês não se perguntaram diante de alguém que estava na sua frente?! O questionamento não nasceu diante de algo virtual, mas diante de alguém de carne e osso: «Mas quem é este?»

Escutem como aconteceu no início, há dois mil anos: «Entraram em Cafarnaum. Imediatamente, no sábado, Jesus entrou na sinagoga e ensinava [estavam acostumados a ir à sinagoga para ouvir alguém pregar, mas desta vez ficaram chocados]. Ficaram maravilhados com seu ensinamento [ensinava como os outros, mas aquele cara era totalmente diferente], pois ele os ensinava como quem tem autoridade, não como os escribas [não como os de sempre, a quem estavam acostumados a escutar. As pessoas notam imediatamente a diferença. Tinham ido à sinagoga muitas outras vezes, mas desta vez foi diferente]. [...] Todos ficaram espantados [admirados] e perguntavam uns aos outros: “Que é isso? Um ensinamento novo, e com autoridade!” [...] E sua fama divulgou-se imediatamente por toda a região da Galileia».<sup>11</sup>

«Quem é este?» Sabemos que captamos algo único porque não conseguimos impedir a pergunta: «Quem é este?» Esta amiga nos testemunhou isso: «Quem é este, que me permite começar o quinto ano com uma vontade louca de me lançar em tudo, que permite que eu sinta como amigos Manzoni, Kant, Wordsworth e até a matemática? Quem é que permite uma relação interessantíssima com alguns colegas, mesmo depois de quatro anos juntos na mesma classe? Quem é que permite que uma pessoa finalmente passe a estudar para si? Quem é que possibilita estar diante de um amigo morto? Quem é que permite essa Vida? Com certeza um grande Amigo! Uma Presença presente agora! [Uma coisa do passado não muda a vida a esse ponto!] Como se disse no Tríduo, uma “novidade radical” que não é um produto das minhas mãos nem dos meus pensamentos. Quando essa novidade acontece, reconheço-a porque reabre meu coração [me deixa interessada por coisas que jamais sonharia achar interessantes, como Kant ou a matemática], renasce em mim a esperança de poder ser reconquistada. Esse “mais” é correspondente à espera do meu coração. Tornou-se para mim uma Presença viva, que em circunstâncias sempre novas volta a me reconquistar, hoje ainda mais do que ontem. Seu olhar me “persegue” de um jeito novo e imprevisto, por rostos e lugares sempre diferentes, mas também sempre mais correspondentes».

Na época de Jesus, as pessoas ouviam muitos comentários sobre as Sagradas Escrituras (assim como hoje vemos pessoas que comentam a vida e dão bons conselhos), mas não se espantavam com aqueles discursos. O que fez a diferença quando Jesus tomou a palavra na sinagoga? O fato de estarem diante de um homem que falava com autoridade, tanto é verdade que nasceu a pergunta: «Que é isso? Um ensinamento novo [não reduzido ao passado, ao já sabido, mas novo], e com autoridade».

Isto nos ajuda a entender por que encontrar alguém que tem autoridade é tão decisivo para a nossa vida, como nos diz Dom Giussani: «O fator mais importante do povo como povo, da companhia como companhia, é o que chamamos de “a autoridade”. [...] O que é essa autoridade? [...] A autoridade é o lugar onde fica evidente que Cristo vence. Que quer dizer que Cristo vence? Quer dizer que Cristo demonstra [...] que corresponde às exigências do coração de maneira persuasiva», a ponto de nos tomar até às entranhas. «A autoridade é, portanto, lugar de paternidade, onde a vida nova – que é aquela em que Cristo responde ao coração, [àquilo] para o qual o homem é feito, onde Cristo responde ao coração – é mais límpida, mais límpida e mais clara. Esta é a verdadeira autoridade». Pode ser um adulto – professor, pai ou padre – ou um colega de escola, em quem vocês veem que uma vida nova é possível,

<sup>10</sup> Mt 8,27.

<sup>11</sup> Mc 1,21-28.

porque seu rosto “canta” uma novidade.

Seguir essa autoridade, diz Dom Giussani, «é [...] indicado pela palavra “filiação”. Uma pessoa é filha da autoridade», de quem reconhecemos como autoridade, porque nos atrai com seu jeito de viver, somos filhos. Ouçam que bela imagem Dom Giussani usa: «Um filho herda a estirpe do pai, torna-a sua, é constituído pela estirpe que lhe vem do pai, é constituído pelo pai. Por isso, ele é totalmente tomado. A autoridade me toma todo [como vimos na mulher do Evangelho], não é uma palavra que me dá medo ou me faz temer, ou que eu “sigo”». Quantos hoje não tem medo da palavra “autoridade”? Aqui não, porque a palavra “autoridade”, diz Dom Giussani, «poderia ter como sinônimo a palavra “paternidade”, capacidade de gerar, geração, comunicação de *genus*, de uma estirpe de vida. A estirpe de vida é o meu eu investido e tornado diferente por esse relacionamento».<sup>12</sup>

Por isso a verdade que todos buscamos é o acontecer em mim desse relacionamento, é o meu eu investido por esse relacionamento que me gera. E nós, de quem nos reconhecemos filhos? Qual é o sinal de que encontramos uma verdadeira paternidade?

#### 4. A LIBERDADE É A VERIFICAÇÃO DA AUTORIDADE

«A palavra “autoridade”, que corresponde à palavra “paternidade”, [...] gera liberdade. [...] Assim, a autoridade é verdadeira [sabemos que é verdadeira] [...] realmente experimentada [...] quando faz explodir a minha liberdade, faz explodir a minha consciência pessoal e a minha responsabilidade pessoal, a minha consciência e a minha responsabilidade pessoais» diante do que tenho de fazer, do estudo, dos afetos, dos relacionamentos, de mim mesmo. Como é que essa amiga se interessa por Kant e por matemática sem ter feito um curso para despertar o gosto pelo estudo? Porque encontrou alguém que a gera, a faz renascer, a ponto de deixá-la interessada por tudo, faz vir à tona o seu eu e a sua responsabilidade pessoal, de tal forma que ela mesma se espanta.

Justamente o relacionamento com a autoridade, que hoje é percebido por muitos como opressivo, limitante da própria liberdade – todo o mundo moderno construiu-se contra a autoridade, por uma pretensão de autonomia absoluta, pois o homem queria fazer-se por si só –, é indicado por Giussani como a condição para sermos realmente livres. Entendem que diferença na forma de pensar a autoridade?

Esta é a razão última pela qual alguém pode encontrar CL e logo notar a diferença em relação à companhia do sábado à noite: a diferença de experiência que vê em si, por conta da liberdade que se surpreende tendo, por conta da implicação do seu eu em tudo o que vive.

A verificação dessa autoridade que nos liberta, onde Cristo vence, é feita na experiência, qualquer que seja a situação em que estejamos vivendo. Estou descrevendo algo que aprendi com as suas contribuições; eu não invento nada, não “imagino” algo que não existe; repito o que vejo e que é para mim uma confirmação de uma experiência que já vivo. E assim cresço, como vocês também crescem aprendendo com o que lhes acontece. Escutem o que escreveram estes seus amigos para ver como o que ocorre nos torna livres em qualquer lugar.

«QUEM É ESTE? Este para mim é um amigo, meu melhor amigo, uma Presença real que está presente AGORA e se manifesta num rosto com nome e sobrenome precisos. Este me tocou o coração e continua surpreendendo-me em TODO LUGAR, mesmo na escola, onde dois professores começaram a interessar-se de verdade por nós, por como convivemos, pelo nosso conceito de amizade; na escola, onde eu e meus amigos dos Colegiais contamos a nossa experiência com o Movimento, e foi maravilhoso como alguns dos nossos colegas ficaram impressionados conosco, começaram a fazer perguntas. Eu desejava tudo isso havia tempos, mas achava que fosse impossível [isto é o cristianismo: uma coisa que alguém achava impossível, mas que acontece diante do seu nariz, investindo-o até a

<sup>12</sup> L. Giussani, “De uma conversa com um grupo de *Memores Domini*”. In: J. Carrón, “Quem é este?”, *Passos-Litterae communionis*, n. 219, nov. 2019.

medula], porque achava que os professores estivessem ali só porque esse era o trabalho deles e porque eu tinha excluído a hipótese de que aquilo de que falamos nos Colegiais pudesse interessar também a meus colegas, que falam de coisas opostas. Ao contrário, percebi como nós podemos introduzir o Movimento em qualquer lugar, pois é um fato que continua reacontecendo independentemente dos nossos pensamentos, então é para todos; e se você fez um encontro que te mudou, os outros cedo ou tarde vão dar-se conta, não depende de nós, o importante é manter aceso o nosso desejo».

Uma outra conta: «Vale a pena recomeçar? Para mim vale a pena recomeçar não tanto porque esteja bem na classe ou [...] não ache trabalhoso estudar; de fato, creio que seja assim realmente para poucos. Para mim, vale a pena recomeçar porque vale a pena viver. Muitas vezes ouço dizerem: “Por menos do que tudo não dá para viver”, ou: “Quero tudo”, mas será que é verdade mesmo que quero tudo, se vivo nove meses do ano contando os minutos que me separam do último toque do sinal? Pois então, o que quero é chegar a esperar cada dia de escola como espero as férias da comunidade. Talvez eu fique ansiosa para verificar, talvez tenha perguntas às quais ainda não acho uma resposta, mas quero viver desejando e pedindo para ir dormir à noite feliz como quando volto do Tríduo». Ela já tem um sinal: começou a acontecer, em algum momento da sua vida começou a acontecer. Só é preciso verificar se pode acontecer em toda parte, em qualquer lugar, em qualquer situação. Com efeito, ela conclui: «Só quando (e se) for assim, é que vou saber que o que dizemos nos Colegiais é verdadeiro».

Para encerrar, outra amiga ofereceu-nos a hipótese de trabalho para este novo ano, recém-começado: «Somos uma gangue precária, banal, quase ninguém crê e pouquíssimos vão à igreja regularmente. Mas isso torna ainda mais urgente a pergunta “Quem é você?” e abre uma curiosidade infinita sobre como essa presença do Mistério que está entre nós vai mostrar-se e maravilhar-nos este ano».

Desejemo-nos uns aos outros jamais perder essa curiosidade infinita – que é própria principalmente da juventude, mas da qual eu também, que sou “quase” velho, preciso para viver –: se houver ao menos um de nós, onde estamos, que esteja curioso de como o Mistério vai mostrar-se presente este ano, nós poderemos ver e reconhecer.

Esta é a verificação que cada um deve fazer, e só quem puser em jogo o que encontrou na vida é que vai poder descobrir com surpresa que o impossível se torna possível.

É a grande aventura que temos pela frente este ano: ver se o que nos investiu, se o que nos magnetizou em alguns momentos da vida pode vencer em qualquer lugar; ver se Cristo, que reconhecemos vencedor numa pessoa que reconhecemos como autoridade, pode vencer também em nós. Só vai descobrir isso quem tiver a audácia de verificar.

Bom caminho a todos!

© 2019 Fraternità di Comunione e Liberazione